

Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 14 | N.º 107 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Notícias com interesse histórico, arqueológico e patrimonial nas Memórias Paroquiais de 1758 do concelho de Lousada

Luís Sousa*

1 - INTRÓITO

O Inquérito Paroquial elaborado em 1758 é a obra que encerra, provavelmente, o maior elenco de referências a sítios arqueológicos e a monumentos de Portugal Continental alguma vez mencionados até ao século XVIII. Qualquer concelho, independentemente do quadrante geográfico de origem, encontra nesta obra notas, ainda que por vezes breves, que lhe permite amiudadamente obter as primeiras, e muitas vezes as únicas, menções a um determinado valor patrimonial, seja ele de carácter arqueológico ou arquitectónico aí existente. As Memórias Paroquiais são, assim, um compêndio de obrigatória consulta por parte de arqueólogos e historiadores que pretendam abalancar-se em estudos de carácter local, regional ou mesmo supra-regional. Para além de valiosas informações arqueológicas e de lendas associadas aos «mouros», bem como sobre a actividade construtiva de pontes e pontões, que ao arqueólogo caberá dissecar, também o historiador, mormente aquele que se dedique às questões da arte, encontrará ali profícuos esclarecimentos, nomeadamente no que se refere à arquitectura de igrejas e capelas, passando pelos retábulos e pela imaginária que se acha nos seus interiores.

2 - DOS PRIMEIROS AUTORES A SERVIREM-SE DO INQUÉRITO PAROQUIAL DE 1758

Há uma larga tradição corográfica, arqueológica e de outros campos da investigação no estudo e exploração das *Memórias Paroquiais* desde o século XIX. Arqueólogos e epigrafistas como Martins Sarmento, Leite de Vasconcelos¹, Pedro A. de Azevedo², G. Pereira³, A. Mesquita de

Figueiredo⁴, em sondagens mais ou menos desenvolvidas às Memórias Paroquiais retiveram algumas informações, fixaram alguns campos temáticos para a Arqueologia e Epigrafia e sublinharam a importância destas Fontes para estes estudos. A Corografia teve em Pinho Leal, no *Portugal Antigo e Moderno*, o seu mais largo e sistemático explorador⁵. Estes e outros trabalhos de menor folego serviram-nos de modelo para a composição deste presente texto que dedicamos às notícias com interesse histórico, arqueológico e patrimonial, contidas nas Memórias Paroquiais de 1758 do concelho de Lousada. Ainda que para o espaço concelhio lousadense se revista de notícias pouco extensas, são de modo inequívoco um exemplo do valor documental de que se revestem as Memórias Setecentistas, podendo o seu uso ser alargado a uma ampla variedade de temáticas que amiudadamente lançam pistas de estudo e concorrem de sobremaneira para o entendimento de certas particularidades historiográficas para a Idade Moderna no âmbito da História, História da Arte e da Arqueologia ao nível local, regional e mesmo nacional.

No que respeita ao assunto sobre o qual nos debruçamos: “Notícias com interesse histórico, arqueológico e patrimonial nas Memórias Paroquiais de 1758 do concelho de Lousada”, três questões merecem realce de forma particular, tratando-se, concretamente, das questões 22 e 25 sobre a «Terra», respectivamente, “*Se tem alguns privilégios, antiguidades, ou outras cousas dignas de memória?*” e “*Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se hanella, ou no seu districto algum castello,*

* Arqueólogo. CML. luís.sousa@cm-lousada.pt

¹VASCONCELOS, José Leite de – *Notícias de antigualhas da Terra de Miranda no século XVIII*, in *O Archeologo Português*, Série 1, Volume 1 (1). Lisboa: Museu Ethnographico Português, 1895, pp. 11-12.

²AZEVEDO, Pedro A. de – *O Dictionario Geographico do P.e Luis Cardoso*, in *O Archeologo Português*, Série 1, Volume 1 (10). Lisboa: Museu Ethnographico Português, 1895, pp. 267-268.

³PEREIRA, G. – *Interrogatorios para a organização do Dictionario Geographico do P.e Luis Cardoso*, in *O Archeologo Português*, Série 1, Volume I (10). Lisboa: Museu Ethnographico Português, 1895, pp. 268-271.

⁴FIGUEIREDO, A. Mesquita de – *Informações archeologicas colhidas no Dictionario Geographico de Cardoso* in *O Archeologo Português*, Série 1, Volume 1 (5), Lisboa: Museu Ethnographico Português, 1895, pp. 142-144; Série 1, Volume 2 (2), 1896, pp. 54-55; Série 1, Volume 2 (6-7), 1896, pp. 162-165; Série 1, Volume 3 (9-11), 1897, pp. 218-223; Série 1, Volume 3 (12), 1897, pp. 281-286.

⁵PINHO-LEAL, A. S. d'Azevedo Barbosa de – *Portugal antigo e moderno* (...), Lisboa, 1873-1890, 12 volumes.

ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente?”. A terceira e última questão que destacamos é a 15, relativa ao «Rio», que questiona “Se tem pontes de cantaria, ou de pau, e em que sítio?”. Sobre esta questão teceremos somente breves notas, dado que a amplitude da temática relacionada com a rede viária e pontística impossibilita que sobre ela façamos aqui qualquer apontamento, ficando, por isso, para um outro espaço e oportunidade as considerações que esta matéria merece.

No concernente a informações relativas aos “mouros” e a vestígios arqueológicos propriamente ditos - aqueles que se acham totalmente ou parcialmente ocultos no subsolo, a consulta terá de obrigatoriamente de ser alargada a outras questões para além daquelas que enumeramos anteriormente. Por exemplo, os memorialistas no inquérito sobre o «Rio» aludem recorrentemente, na questão 17 – “Se em algum tempo ou no presente, se tirou ouro das suas areias?”, que os romanos ou os Mouros tiraram muito ouro.

3 - NOTÍCIAS COM INTERESSE HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO E PATRIMONIAL NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE 1758 DO CONCELHO DE LOUSADA: COM NOTAS CRÍTICAS

À medida que apresentamos os extractos são tecidos numa ou noutra notícia algumas considerações. Sem se pretender ser exaustivo, augura-se que as apreciações sirvam de estímulo ao investigador e ilustrem de forma cabal o elevado potencial que as memórias Setecentistas encerram para os estudos arqueológicos e históricos que se pretendam levar a cabo ao nível local e regional ou mesmo nacional.

3.1 - Freguesia de Cernadelo

O relator da Memória de Cernadelo é parco em notícias com interesse histórico, arqueológico e patrimonial concernentes à sua freguesia, no entanto, no quesito 25, sobre a “Terra” – “Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros; se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se há nela ou no seu distrito algum castelo ou torre antiga e em que estado se acha ao presente?”, diz “Nada”, mas dá conta de que da freguesia “se descobre hua torre que chamam a Torre de Villar, distancia menos de coarto de legoa, que hé no concelho de Unhão, a qual dizem ficou do tempo dos Mouros”⁶. Reporta-se à Torre de Vilar do Torno e Alentém, estrutura senhorial medieval possivelmente da segunda metade do séc. XIII ou de inícios da centúria seguinte⁷.

3.2 - Freguesia de Cristelos

À questão 26, “Se padeceu alguma ruína no terramoto de 1755 e em qué e se está reparada?”, relativa à “Terra”, o padre Manoel Nunes Netto, relator da Memória Paroquial de Cristelos, realça que a respeito do terramoto “*nam ouve nesta freguezia ruina de consideraçam com o Terremoto de terra*”, todavia, salienta, relativamente à Igreja Paroquial de Santo André, que “*cahiram as bollas de pedra das piramidas do campanario dos sinos, que pezariam três arrobas cada huma, e ainda se lhe nampuzeram*”. Ainda que não aluda à existência de antiguidades na freguesia, no quesito 6, também sobre a “Terra”, dá conta de que uma das aldeias da freguesia é denominada de “*aldeia do Crasto*”⁸, o que nos permite constatar de uma indirecta referência ao povoado fortificado da Idade do Ferro apontado para Cristelos, cujo assentamento o identificamos no Monte de São Domingos, povoado que trabalhos arqueológicos ali realizados desde 1994 puseram a descoberto um reduto defensivo com uma comprovada diacronia ocupacional do séc. V-IV a.C. até aos princípios da Alta Idade Média e provavelmente reocupado por meados da Baixa Idade Média.

3.3 - Freguesia de São Miguel

O vigário Crispim Alvares da Silva, pároco de São Miguel de Lousada aquando da realização das Memórias Paroquiais, no quesito 27, sobre a “Terra”, após descrever o enquadramento geográfico da freguesia, adianta que São Miguel “*nam tem mais serras, nem montes dignos de memoria, excepto o monte do Crasto, que pega na mesma freguezia*”⁹. A localização deste “*monte do Crasto*”, considerando os dados de cariz arqueológico disponíveis para a freguesia de São Miguel, lança-nos poucas dúvidas quanto à ligação desta referência com o Alto dos Três Caminhos, destacado outeiro de 375 metros de altitude onde foram recolhidos materiais cerâmicos enquadráveis na Proto-História¹⁰.

3.4 - Freguesia da Ordem

O memorialista reitor Machado de Abreu e Silva ao dar resposta ao nº 3 sobre a “Serra” – “*Os nomes dos principais braços dela?*”, relata que em Santa Águeda, no “*lugar da Cappella*”, houve antigamente uma capela e “*que hoje está alagada e tem hum carvalho muito velho que dizem se vê do mar e se valem os marinheiros da dicta-sancta nas tromentas. E oje está a sancta na cappella de Sam Christovam dos Milagres, onde comessa a largura da serra*”¹¹. Ao presente não se detecta no monte de Santa

⁶ CAPELA, J. V.; MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. Autor, 2009, pp. 304-305.

⁷ CARDOSO, Cristiano – *O Românico em Lousada: a Torre Medieval de Vilar (conclusão)*, in Boletim Municipal de Lousada (Suplemento do Património), nº 52. Lousada: Câmara Municipal, 2008, p. 3.

⁸ CAPELA, J. V.; MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. – *Op. Cit.*, pp. 308-309.

⁹ CAPELA, J. V.; MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. – *Op. Cit.*, pp. 312-314.

¹⁰ NUNES, M.; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. – *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal, 2008, p. 195.

¹¹ CAPELA, J. V.; MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. – *Op. Cit.*, pp. 320-323.

Águeda, outeiro em contraforte onde se alcançam altitudes acima dos 500 metros e se tem um largo horizonte visual, quaisquer indícios de ali ter sido erigida uma capela, mas persiste na tradição popular de que em tempos existiu e de que a mesma terá sido transferida para o lugar de São Cristóvão, da vizinha freguesia de Sousela.

3.5 - Freguesia de Sousela

A 16 de Maio de 1758, a propósito da serra da freguesia, o pároco relator Sebastião Pinto de Macedo, descreve que *“chama-se serra de Santa Agueda, e tem este nome porque munto antigamente teve no mais alto della hua cappella da mesma sancta, e ainda lá estão os vestígios della”*¹². Veja-se a respeito da capela e monte de Santa Águeda as considerações tecidas para a freguesia da Ordem.

3.6 - Freguesia do Torno

A Memória do Torno é porventura, de entre as Memórias Paroquiais do concelho de Lousada, a mais proveitosa para o objecto do presente texto. Em resposta ao nº 7, sobre a “Terra” — *“Qual é o seu orago, quantos altares tem e de que santos, quantas naves tem; se tem irmandades, quantas e de que santos?”*, o relator começa por dizer que na Igreja Paroquial de Sanfins do Torno, da parte do Evangelho, junto do altar onde está a imagem de Nossa Senhora do Rosário, *“está hua sepultura com hum arco na parede, de que estão de posse os moradores da Quinta de Juste”*. Trata-se de um sarcófago sob arcossólio, Baixo Medieval, que primitivamente terá pertencido à Casa de Vilar e, mais tarde, já no séc. XVIII, terá sido adquirido pela Casa de Juste¹³. Desta mesma Casa de Juste dá-nos copiosas informações, de que destacamos a alusão a *“varias portas e janelas de molduras, bolas e feitiços antiquíssimos, columnas esquadrejadas e de varias formas, três ameias de ponta de diamante guarnecendo hum antigo portal, e outras três sobre hua porta, hum arco com bolas e letreiro, que por muito antigo e incerto de seos passados e pella brevidade com que este mappa se fez, nam sabe o que contém, em cujas antigalhas de carrancas feitiços se especializa hua janella rodeada de pontas de diamante, em cujo alto estão em hua bella tarja, em dous lados ou quartelas, as quinas de Portugal, servindo-lhe de timbre a Serpente de Moisés, circulando-a toda, de cujas armas regias sempre e entre outras a predita cauzou, a qual por occasiam de se reedificarem seos antigos e appareceram no anno de mil septecentos cincoenta e seis, e cincoenta e septe, e cincoenta e oito, varias moedas muito antigas, cujas [valias] metaes e letreiros, ainda pessoas intelligentes ignoram”*.

Sabemos pela narração do vigário Felix Antonio Borges, que a 22 de Maio de 1758 decorriam obras de reedificação

da ermida de N. Sra. da Conceição. Ao nº 13, *“Se tem algumas ermidas e de que santos e se estão dentro, ou fora do lugar e a quem pertencem?”*, menciona que esta apenas possui um altar e *“que pertence aos moradores da freiguesia, que a andam reedificando a fundamentis por se arruinar a antiga”*.

Na parte respeitante ao “Rio”, concretamente no quesito 15, *“Se tem pontes de cantaria ou de pau, quantas e em que sítio?”*, dá conta que o rio Sousa, recurso aquífero que passa na freguesia do Torno, tem *“hua ponte de cantaria, com hum só arco”*¹⁴. Refere-se à Ponte da Veiga, estrutura viária medieval de arco quebrado e tabuleiro em cavalete¹⁵ que ainda hoje se pode observar sobre o rio Sousa, nas proximidades da Quinta da Veiga.

3.7 - Freguesia de Vilar do Torno e Alentém

O abade Francisco Jozeph de Souza Azevedo, o vigário João Teixeira Ozorio e o vigário Felix Antonio Borges, ao quesito nº 25, respeitante à primeira parte do inquérito — à “Terra”, oferecem-nos uma detalhada descrição da torre senhorial aqui existente, conhecida por Torre de Vilar. A demorada pormenorização descritiva desta estrutura mostra bem da importância histórica que já nesta altura gravitava em seu redor. Começam então por dizer: *“Tem somente esta freguezia na parte superior a antequissima torre chamada de Villar, mui forte, que segundo a tradissam vulgar hé do tempo dos Godos. Está situada em cima de hum durissimo rochedo que só de algumas partes dos licerces se vê sobressahir a terra de huma piquena colina sobre que jaz. Terá de alto a dicta torre setenta e sinco athé oitenta palmos, e de diametro, tomado pellas faces de fora, tem corenta e dous palmos, correndo do Sueste para Noroeste. E de outra parte correndo do Nordeste para Sudueste, tem de diametro segundo as faces extriores trinta e hum palmos. As suas paredes têm de corpo seis palmos e são tanto por dentro como por fora de pedra viva, durissima de cantaria de fiadas, quazi de igual porpossam e sufessientemente polidas. Mas as junturas das pedras comidas do tempo mostram maior abertura do que nos seus principios poderia ter, indicio da sua nimia antiguidade. Nam tem ameias, mas indicio de em outros tempos ter sido com ellas ornada. Tem humaunica porta no solo ou logia que tem de largo seis palmos e de alto dez athé à padieira que defende do pezo hum escarsam de arco de meio ponto. Tem na fasse que fica para o Sudoeste duas genellas e outras duas na fasse que fica para o Noroeste. E na face que fica para o Nordeste tem três genellas e coatro na que fica para o Sueste. Porém todas estas genellas pella face extrior da torre só se devizam abertas em frestas de hum palmo de largo, excetohuma que fica à parte Esquerda da fasse do Sueste e outra que fica no meio da face Sudueste que*

¹²CAPELA, J. V.; MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. — *Op. Cit.*, pp. 328-329.

¹³ NUNES, M.; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. — *op. cit.*, p. 213.

¹⁴CAPELA, J. V.; MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. — *Op. Cit.*, pp. 329-333.

¹⁵NUNES, M.; SOUSA, L.; GONÇALVES, C. — *op. cit.*, p. 214.

*estas se devizam por fora rotas com a mesma grandeza de huma, que por dentro tem os liveis das dictas genellas e descansos dos bigamentos que pella parte de dentro tem e se devizam. No projecto de algumas pedras indicam ter sido havitaçam de duas ordens de subrados, além de hum intersoto por sima da logia. E pella fasse extrior de Nordeste se divizam lugares de vigamento de alguma caza encostada. Nam se acha nella matrial algum de madeira nem mostra ser acentada em argamaso, acha-se totalmente preza e com siguransa primordial, sem ter ahinda levissimo indicio de ruina, nem tendencia a ella ahinda dipois do memorial Terramoto de mil setecentos e sincoenta e sinco anos. O estado da sua croa mostra nam se ter extrehido do corpo della pedra alguma*¹⁶.

Contém este excerto de texto o único termo - “*tempo dos Godos*”, um pouco à imagem do que acima ficou referido pela pena do pároco de Cernadelo que, transparecendo um mesmo sentir e viver patrimonial, ainda que por uma outra expressão, declara que a Torre de Vilar é “*do tempo dos Mouros*”. Uma e outra buscam o mesmo sentido, que é o de oferecerem uma imagem clara da ancestralidade do monumento retratado. Veja-se o que a propósito da Torre de Vilar se anotou na freguesia de Cernadelo.

Alentém, que hoje forma com Vilar do Torno uma só freguesia, era independente em 1758, pelo que possui Memória Paroquial com o título de Alentém. Em 18 de Maio daquele ano o relator memorialista, no quesito nº15 do ponto respeitante ao “Rio”, aponta que, “*assima hum coarto de legoa*”, se encontra “*a unica ponte de cantaria de hum arco, chamada a Veiga, na freguezia de Sanfins*”¹⁷. Veja-se a freguesia do Torno o que acerca da Ponte da Veiga se disse.

4 - NOTAS A RETER

O Inquérito Paroquial de 1758 exige uma redobrada atenção de leitura porquanto há párocos que não cumprem de forma escrupulosa a ordem e a numeração original das questões. Uns optam mesmo por criar numeração própria, segundo as respostas efectivas que possuem, outros respondem ao Inquérito de forma continuada sem qualquer menção à numeração. A grande maioria dos abades memorialistas menciona usualmente o património edificado e não tanto o património arqueológico. À questão 22 do Inquérito Paroquial, alguns padres responderam que “*Nam tem privilégios, nem antiguidades dignas de memoria*”, porém, em outros pontos, vão mencionando sinais ainda que residuais da “época dos Mouros” ou dos Romanos.

Este facto permite depreender o amplo leque de vestígios ou marcas do Passado que englobavam o genérico conceito de Património tido à época. Apesar de determinados bens patrimoniais serem designados de “Monumento”, nomenclatura que incluía o bem numa esfera ecuménica que o considerava como “antigo”, logo “digno de memória”, ainda se constata muito presente a ideia de “Antiqualha”. Talvez por isto as passagens que nos indicam tratem-se claramente de vestígios arqueológicos não abundem, depreendemos da sua existência a partir de alusões aos “mouros” ou mesmo através da toponímia. Não foram invulgares as situações em que tecemos breves notas tendo em conta apenas este tipo de referências, tais como “Castro” ou “Crasto”, que dado se acharem usualmente empregues na denominação de uma “Serra”, um “Monte” ou “Outeiro”, foram considerados locais com possível relação com a existência de um povoado fortificado ou mesmo com uma atalaia, quer com outro qualquer tipo de assentamento possuidor de carácter defensivo ou apenas com uma função de controlo visual de uma determinada parcela do território. Similar abordagem se empreendeu relativamente aos topónimos “Torre” e “Castelo”, bem como aos topónimos “Arca”, “Mamoá” ou mesmo “Lomba”. Estes relacionam-se frequentemente com a presença de habitações senhoriais fortificadas, estruturas castelares em variados estados de conservação e construções tumulares pré-históricas.

O levantamento de notícias como as que aqui abordamos respeitantes a Lousada deverão preferencialmente ser cruzadas com diversas informações através da consulta de roteiros arqueológicos, levantamentos patrimoniais, monografias locais e regionais, bem como pela recolha de informação em sites oficiais na *Internet*, concretamente o relativo aos monumentos portugueses classificados, integrados no Inventário do Património Arquitectónico do SIPA¹⁸ (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico), da responsabilidade do IHRU¹⁹ (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, I.P.), e a base de dados Endovélico, que compreende o Sistema de Informação e Gestão Arqueológica, do actual DGPC (Direcção Geral do Património Cultural)²⁰. Deve igualmente dar-se importância aos levantamentos efectuados na segunda metade do século XIX atrás referidos, da autoria de A. Mesquita de Figueiredo, Pedro A. de Azevedo e José Leite de Vasconcelos, que não só possibilitam concluir o que se havia feito a respeito desta matéria, como permitir ter uma ideia da importância dada ao Inquérito Paroquial de 1758 para a investigação arqueológica e histórica.

¹⁶ CAPELA, J. V.; MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. — *Op. Cit.*, pp. 333-335.

¹⁷ CAPELA, J. V.; MATOS, H.; BORRALHEIRO, R. — *Op. Cit.*, pp. 293-294.

¹⁸ Sítio da *Internet* disponível [em linha]: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx.

¹⁹ Sítio da *Internet* disponível [em linha]: <http://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihrui/>. O IHRU resulta da reestruturação e red denominação do antigo Instituto Nacional de Habitação (INH), tendo nele sido integrados o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE) e parte da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).

²⁰ Sítio da *Internet* disponível [em linha]: <http://www.igespar.pt/>.